

TRANSTORNO MENTAL COMUM ENTRE ESTUDANTES DE ENFERMAGEM E FATORES ENVOLVIDOS

COMMON MENTAL DISORDERS BETWEEN NURSING STUDENTS AND RELATED FACTORS

TRANSTORNO MENTAL COMÚN ENTRE ESTUDIANTES DE ENFERMERÍA Y FACTORES ENVOLVIDOS

Pérola Liciane Baptista Cruz e Silva¹, Beatriz Francine Fernandes Silva², Keite Kelli Aparecida Conceição Rocha Chagas³, Michele Beatriz Alves Tortola⁴, Renata Lourdes Rodrigues Caldeira⁵.

RESUMO

Objetivo: Investigar a ocorrência de sintomas indicativos de Transtornos Mentais Comuns entre estudantes de enfermagem e discutir possíveis fatores envolvidos. **Métodos:** Estudo descritivo, transversal, quantitativo do qual participaram 88 estudantes, com aplicação de questionário autoaplicável sobre questões diárias, seguido do Self-Reporting Questionnaire (SRQ-20). **Resultados:** A prevalência geral de TMC foi de 41%. Com relação a outras variáveis, foi constatado que a maioria dos estudantes possui atividade profissional, sendo essa geralmente integral na semana. Foi relatado entre os participantes 12,5% de acompanhamento em saúde mental e uso de medicação psicoativa próxima dos 15%, o que pode sugerir automedicação. **Conclusão:** Os dados aproximam-se de demais pesquisas com metodologias semelhantes e demonstram a importância de se discutir o problema e pensar estratégias que apoiem esses estudantes para melhora geral em seu estado de saúde e rendimento estudantil.

Descritores: Estudantes de Enfermagem; Transtornos Mentais; Saúde Mental. Saúde do Estudante.

ABSTRACT

Objective: The purpose of this study is to evaluate the occurrence of symptoms that can indicate Common Mental Disorders among Nursing students and discuss possible related factors. **Methods:** A descriptive, cross-sectional, and quantitative study was carried out. Nearly 88 students participated, using the Self-Reporting Questionnaire (SRQ-20) to track CMD (Common Mental Disorders). **Results:** The overall prevalence was 41%. Regarding other variables, it was found that the majority of the students have professional activity, which is usually full time in the week. It was reported that 12.5% of the students follow up on their mental health, and nearly 15% use psychoactive medication, which might suggest self-medication. **Conclusion:** The data shown is comparable with other studies following similar methodologies. This study demonstrates the urgent need for discussing the problem and how to support students to increase their life quality as well as better academic results.

Descriptors: Students Nursing; Mental Disorders; Mental Health; Student Health.

RESUMEN

Meta: Se objetivó investigar la ocurrencia de síntomas indicativos de Trastornos Mentales Comunes entre estudiantes de enfermería. **Métodos:** Estudio descriptivo, transversal, cuantitativo. Participaron 88 estudiantes, con aplicación de cuestionario sobre cuestiones diarias, seguido del *Self-Reporting Questionnaire* (SRQ-20). **Resultados:** La prevalencia general de TMC fue del 41%. Se encontró que la mayoría de los estudiantes tienen actividad profesional, siendo generalmente integral en la semana. Se ha reportado entre los participantes, 12,5% de seguimiento en salud mental, y uso de medicación psicoactiva cerca del 15%, lo que puede sugerir automedicación. **Conclusión:** Los datos se aproximan a otras investigaciones con metodologías similares y demuestran la importancia de discutir el problema y pensar estrategias que apoyen a estos estudiantes para una mejora general en el estado de salud y rendimiento estudiantil.

Descriptores: Estudiantes de Enfermería; Trastornos Mentales; Salud Mental; Salud del Estudiante.

¹Enfermeira com Residência em Saúde da Família e Comunidade (UFSCar), Mestre em Gestão da Clínica (UFSCar), Docente do curso de enfermagem das Faculdades Integradas de Jau. ²Graduanda do curso de Enfermagem, Faculdades Integradas de Jau. ³Graduanda do curso de Enfermagem, Faculdades Integradas de Jau. ⁴Graduanda do curso de Enfermagem, Faculdades Integradas de Jau. ⁵Graduanda do curso de Enfermagem, Faculdades Integradas de Jau.

Como citar este artigo:

Silva PLBC, Silva BFF, Chagas KKACR, et al. Transtorno Mental comum entre Estudantes de Enfermagem e Fatores Envolvidos. Revista de Enfermagem do Centro Oeste Mineiro. 2019;9: e3191. [Access _____]; Available in: _____. DOI: <http://dx.doi.org/10.19175/recom.v9i0.3191>

INTRODUÇÃO

Estudos epidemiológicos têm mostrado que o início da vida adulta, em geral, é o momento em que aparecem os primeiros sintomas de variados transtornos mentais. Aliado a esse dado, o cotidiano e as pressões relacionadas à vida de um estudante do ensino superior são fatores estressantes, que somam-se a fatores de risco para o desenvolvimento de sofrimentos dessa população⁽¹⁾.

Entre alguns dos principais acontecimentos e características, ligados ao aumento da prevalência dos transtornos mentais, estão o afastamento dos pais, de sua rede anterior de conhecidos, assim como dificuldades de inserção social, associadas à pressão nos estudos por melhor aproveitamento⁽¹⁾.

Em pesquisa realizada com estudantes universitários da Unicamp, os autores demonstraram alta dominância de transtornos mentais autorreferidos, em todas as áreas de conhecimento, em uma parcela de 40% de estudantes entrevistados, com as maiores taxas no sexo feminino, notadamente, a população que mais busca por apoio dos serviços de acompanhamento⁽¹⁾.

Em pesquisa semelhante, com alunos do curso de medicina, foram encontrados em 37% dos participantes quadros que se aproximam dos transtornos mentais comuns, novamente com elevadas taxas entre as mulheres. Outros fatores, em que as taxas encontradas foram maiores, referem-se à insatisfação com a escolha do curso, ao seu desempenho insuficiente, à menor faixa de renda familiar e a não prática de atividades de lazer na frequência desejada⁽²⁾.

Ainda, entre estudantes da área de medicina, encontrou-se em Jequié - Ba, uma parcela de 32,3% dos estudantes com pontuação que indica possíveis casos de Transtornos Mentais Comuns (TMC). Associou-se a prejuízos na qualidade de vida dos estudantes e a fatores de proteção, físicos e psicológicos, tais como a prática de atividade física e de lazer suficientes⁽³⁾.

Os TMC, também conhecido como Transtornos Psiquiátricos Menores, referem-se a quadros menos graves, que não chegam a constituir-se em transtornos clássicos descritos no *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders (DSM)*, como depressão, ansiedade, transtorno bipolar, porém acarretam significativo impacto à vida dos sujeitos⁽²⁾.

Os sintomas descritos incluem dificuldades de memória, concentração e tomada de decisões;

insônia, irritabilidade e fadiga, assim como queixas somáticas (cefaleia, falta de apetite, tremores, sintomas gastrointestinais, entre outros), com exceção dos transtornos psicóticos, por uso de substâncias psicoativas ou transtornos de personalidade. Comprometem o rendimento profissional e pessoal dos sujeitos acometidos, sem necessariamente ganhar diagnóstico formal de doença psiquiátrica⁽²⁾.

Entre graduandos de enfermagem em uma instituição no Estado de Minas Gerais, evidenciaram-se as dificuldades de adaptação à universidade como fator de risco ao TMC, com predominância geral de 43,5% entre os estudantes. Trazem a discussão quanto ao acompanhamento desse processo de transição da vida acadêmica e social ao estímulo às práticas de promoção da saúde visando à proteção de sua saúde mental⁽⁴⁾.

Especificamente, ainda com relação aos estudantes de enfermagem, os autores fazem, em revisão a respeito do estranhamento diante do novo, em teoria e na prática, aspectos estressores, que, sem a devida preparação psicológica, podem levar ao desenvolvimento do transtorno. Trazem respostas ao estresse ligadas a hábitos, como uso de álcool, tabaco e alimentação em excesso, o que contribui de forma negativa para o aproveitamento do curso e desenvolvimento pessoal e profissional⁽⁵⁾.

Ainda, entre as manifestações referidas, são citadas alterações como agitação, prejuízos na memória e no sono e tensão emocional. Sintomas somáticos também são destacados, como alterações de pressão arterial e de frequência cardíaca, ansiedade, palpitações, aumento da sudorese, rigidez muscular, cefaleia e fadiga. Esse quadro também se associa a outros transtornos, como a síndrome de *burnout*, com baixa realização pessoal e alta despersonalização⁽⁵⁾.

Assim, objetivou-se investigar a ocorrência de sintomas indicativos de Transtornos Mentais Comuns entre estudantes do curso de Enfermagem, em faculdade de município do interior de São Paulo, assim como realizar discussão quanto aos possíveis fatores associados a eles.

MÉTODOS

Estudo de caráter observacional, transversal, descritivo, quantitativo, sendo sua finalidade essencialmente a descrição das características de determinado fenômeno e estabelecimento de relações entre variáveis⁽⁶⁾. Foi utilizada técnica de levantamento, sendo

reconhecida sua importância pela possibilidade de conhecimento de uma realidade direta a seus sujeitos envolvidos, economia, rapidez e capacidade de quantificação⁽⁷⁾.

O instrumento empregado, para a coleta de dados, foi um questionário autoaplicável e anônimo, elaborado pelos autores, abordando questões de satisfação com o curso, aproveitamento, acompanhamento com profissional de saúde mental e uso de medicação psicoativa. Os participantes são alunos matriculados no curso de Enfermagem de uma faculdade do interior de São Paulo, a partir do 3º semestre.

Para a identificação dos possíveis quadros de TMC, foi utilizado o questionário *Self-Reporting Questionnaire* (SRQ-20), instrumento recomendado pela Organização Mundial da Saúde, criado para rastrear transtornos psiquiátricos, em serviços de atenção primária⁽⁸⁾ e validado no Brasil⁽⁹⁾. O questionário traz 20 questões com respostas “sim” ou “não” e avalia a presença de sintomas nos últimos 30 dias. O ponto de corte apontado é diferente entre homens e mulheres, sendo seis ou mais respostas “sim”, para os homens e oito ou mais respostas “sim”, para as mulheres, considerados casos suspeitos de TMC.

Os critérios de inclusão referem-se aos sujeitos maiores de 18 anos, regularmente matriculados, a partir do 3º semestre do curso de Enfermagem da instituição em que está sendo aplicada a pesquisa. Eles se dispuseram a participar e o pré-requisito era que estivessem presentes, no momento da coleta de dados, que ocorreu durante o período de aulas. Optou-se por não incluir, na presente pesquisa, os estudantes dos dois primeiros semestres do curso, porque eles não vivenciaram a experiência da vida acadêmica no ensino superior por tempo considerável.

O tamanho da amostra foi calculado, estimando-se a taxa de prevalência de TMC, para

a população de estudantes universitários da área da saúde, em torno de 40%⁽³⁻⁴⁾, com variação de 2% e utilizando-se intervalo de confiança de 95,5%. Para o cálculo, foi ainda prevista uma possível perda de, aproximadamente, 20%⁽¹⁰⁾.

O projeto foi encaminhado ao Comitê de Ética em Pesquisa das Faculdades Integradas de Jahu e, somente após aprovação – parecer nº 2.571.896 - e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, iniciou-se a coleta dos dados. Os participantes foram abordados, em sala de aula, esclarecidos quanto aos objetivos da pesquisa, e suas informações mantiveram-se anônimas e sob sigilo durante todo o decorrer da avaliação.

Após coleta e tabulação dos dados, foi aplicada a análise descritiva como forma de apresentar os achados estimando-se prevalências e demais fatores envolvidos⁽¹⁰⁾.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para o total de estudantes matriculados, a partir do 3º semestre do curso de Enfermagem da instituição de ensino, de 114 foi calculada a amostra mínima de 67 participantes. A presente instituição tem o curso de Enfermagem, ao longo de 10 semestres, sendo excluído o primeiro semestre porque o tempo de vivência, na vida acadêmica do ensino superior, ainda, é insuficiente para compor a amostra. Não há turmas nos semestres “pares”, considerando a época de coleta de dados, abril de 2018.

Participaram do presente estudo 88 indivíduos, sendo 88,6% do sexo feminino (78). As turmas foram representadas por: 23% pertencentes ao 2º ano do curso, 32% do 3º ano, 21% do 4º ano e 24% pertencentes ao 5º ano do curso de Enfermagem. A caracterização dos participantes e resultados são apresentados na Tabela 1.

Tabela 1 - Graduandos do curso de Enfermagem por sexo, semestre do curso e número de respostas acima do ponto de corte para rastreamento do TMC, de um município do interior de São Paulo, 2018.

Semestre do curso	Sexo	Nº participantes	Número de respostas “sim” ≥ ao ponto de corte	Prevalência do TMC.
3º semestre	fem	17	9	55%
	masc	3	2	
5º semestre	fem	27	7	25%
	masc	1	0	
7º semestre	fem	17	10	52,6%
	masc	2	0	
9º semestre	fem	17	8	38%
	masc	4	0	

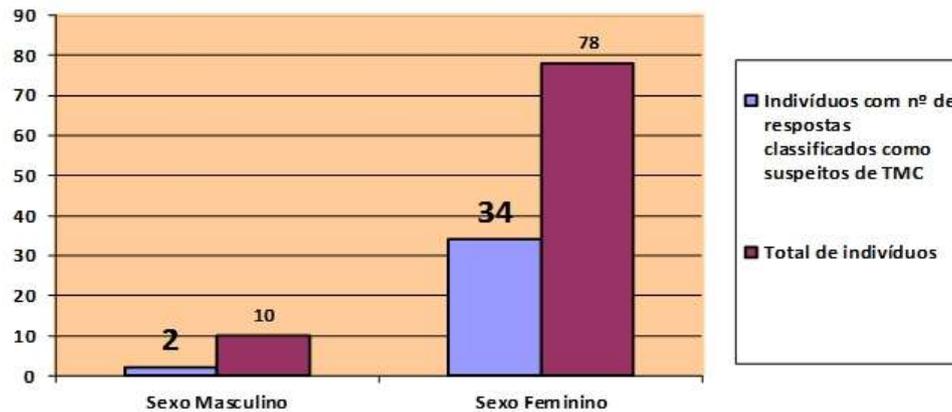
Fonte: Dados elaborados pelos autores.

Quando separados por semestre do curso em andamento, observou-se uma grande variação nos resultados, com maiores prevalências no 3º semestre (2º ano) e 7º semestre (4º ano), o que pode indicar relação com a grade, exigências específicas de cada

período ou outro fator relacionado não investigado.

A prevalência geral de TMC entre os estudantes encontrada foi de 41% (36), sendo que entre as mulheres esse índice foi de 43,5% (34) e entre os de sexo masculino, 20% (2), conforme Figura 1.

Figura 1 - Prevalência de Transtornos Mentais Comuns entre acadêmicos do curso de Enfermagem, município do interior de São Paulo, 2018.



Fonte: Dados elaborados pelos autores.

Com relação à outras variáveis abordadas, na presente pesquisa, encontram-se descritas na TABELA 2.

Tabela 2 - Variáveis investigadas, em estudantes do curso de Enfermagem, de um município do interior de São Paulo, no ano de 2018.

Fatores investigados	Variáveis	(Nº indivíduos) %	
Média de notas no último bimestre	0 a 2,5	0%	
	2,6 a 5,0	(1) 1%	
	5,1 a 7,5	(39) 44,3%	
	7,6 a 10	(46) 52,2%	
	não responderam	(2) 2,2%	
Satisfação pelo curso	sim	(71) 80,6%	
	não	(14) 15,9%	
	não responderam	(3) 3,4%	
Possui emprego?	sim	(73) 83%	
	não	(15) 17%	
Quantidade de horas semanais referente à jornada de trabalho	até 30h/sem	(17) 19,3%	
	até 44h/sem	(45) 51%	
	até 60h/sem	(10) 11,3%	
Faz acompanhamento em serviço ou profissional de saúde mental? Se sim, qual profissional?	sim	(11)12,5%	Psicólogo (7) 7,9% Psiquiatra (7) 7,9% Enfermeiro (1) 1,1%
	não	(77) 87,5%	
Uso de medicação psicotrópica	Sim	(13) 14,7%	
	Não	(75) 85,2%	

Fonte: Dados elaborados pelos autores.

No que se refere às medicações citadas como de uso regular, constataram-se, principalmente, os antidepressivos, presente em 61% dos que declararam fazer uso de medicações psicotrópicas. Entre as medicações citadas, estão a Fluoxetina (2), Amitriptilina (2), Sertralina (3), Bupropiona (1), Escitalopram (1), Paroxetina (1), Trazodona (1) e Venlafaxina (1). Em seguida, foram indicados os Benzodiazepínicos, com 28%, sendo trazido o Clonazepam (4) e Alprazolam (1). Outros medicamentos somaram 11%, entre eles o Depakene (1) e o Lítio (1).

Dados semelhantes aos que se aproximam da atual pesquisa foram também encontrados em pesquisa no município de Jequié-Ba, com acadêmicos de graduação do curso de Medicina. A prevalência de transtornos mentais comuns foi de 32,2%, utilizando ponto de corte menor (>6), para classificar os casos suspeitos com o mesmo instrumento (SRG-20). Nesse estudo, foi encontrada maior prevalência entre estudantes do sexo feminino, o que se aproxima-se do atual determinado⁽¹¹⁾.

Os autores discutem as dificuldades, em maior proporção, aos graduandos do sexo feminino em conciliar as atividades acadêmicas, muitas vezes, com atividades domésticas e trabalho. Outras possíveis causas desse aumento de risco seriam as interações entre influências hormonais, diferenças sexuais ligadas a aspectos neuronais envolvidas com humor e ansiedade, fatores estressores ligados aos papéis do gênero e a importância atribuída ao apoio social da mulher⁽¹¹⁾.

Em outro estudo, ainda entre estudantes de Medicina, a prevalência do TMC encontrada foi de 58,8%, porém, utilizando outro instrumento de rastreamento, o GHQ-12 (General Health Questionnaire), versão resumida, que também visa a detectar transtornos mentais comuns, o que justifica, em parte, a maior diferença no resultado encontrado⁽¹²⁾.

Em trabalho realizado com acadêmicos da área da saúde, buscando-se estabelecer associação entre a prevalência do TMC e a prática de atividade física, foi detectada classificação positiva para TMC em 43,2% da amostra geral. Encontrou-se maior percentual de inativos com TMC (67,4%) que ativos (32,6%). Apesar de essa variável não ter sido explorada neste estudo, esse dado mostra a importância e possíveis caminhos para as estratégias de cuidados⁽¹³⁾.

Quanto à satisfação com o curso e média de notas, na presente pesquisa, foi observado, no

geral, como boa, não se apresentando como um problema de alta relevância apontado pelos estudantes.

A presença de atividade profissional, na grande maioria dos entrevistados e, em uma boa parte de carga horária integral na semana (44h ou mais), pode apontar para uma rotina sobrecarregada, com prejuízo de atividades de descanso e lazer. Fato já conhecido como prejuízo na qualidade de vida e saúde mental.

Apesar de a alta incidência do TMC, foi pequena a proporção que relatou estar em acompanhamento com profissional da área de saúde mental. Aliado a esse fato, observa-se maior relato do uso de medicações, quando comparado com o acompanhamento, o que pode sugerir estar presente, em alguns casos, a prática da automedicação.

Esse ato da automedicação entre estudantes da área da saúde pode estar relacionado ao conhecimento adquirido sobre as substâncias ao longo dos cursos⁽¹⁴⁾. A automedicação pode dificultar o diagnóstico dos transtornos mentais, mascarar os sintomas e agravar o quadro clínico, levando à piora geral da qualidade de vida⁽¹⁴⁾. Há também riscos ligados às intoxicações, risco de dependência, reações de hipersensibilidade, dosagem inadequada, sangramentos digestivos e enfermidades iatrogênicas e, em casos extremos, óbitos⁽¹⁵⁾.

Faz-se necessário pensar em estratégias, a exemplo da prática de atividades físicas e lazer, para que o impacto do sofrimento, ligado a esse quadro, não seja depressora da saúde geral dos estudantes e prejudicando, assim, sua qualidade de vida. A formação em saúde, por ela mesma, é vista como fator relacionado ao sofrimento mental e ao prejuízo na qualidade de vida geral, entre outros fatores, por sua carga horária extensa, aproximação ao sofrimento humano e responsabilidades da profissão⁽¹¹⁾.

Os comportamentos de saúde, como o sono em quantidade e regularidade e a prática de atividades físicas, também, são trazidos como fatores preditores de bem-estar e, assim, protetores para os diversos sofrimentos mentais do sujeito inserido no ensino superior⁽¹⁶⁾.

Encontram-se presentes, em algumas instituições de nível superior, serviços de apoio acadêmico, porém, em sua maioria, são serviços de livre-demanda, segundo necessidade autopercebida, o que, por vezes, pode ser buscado tardiamente, ou nem valorizado pelo

acadêmico, diante de pressões por responsabilidades e produtividade⁽¹⁷⁻¹⁸⁾.

Outro aspecto relatado, a evasão no ensino superior, também, tem sido relacionada às dificuldades de enfrentamentos individuais e falta de apoio institucional aos graduandos. Há experiências relatadas, em questões vocacionais, deixando ainda grande a lacuna entre as necessidades estudantis de apoio global. Destaca-se a importância de iniciativas individualizadas a cada instituição, segundo o perfil do seu estudante⁽¹⁹⁾.

Como possibilidade de apoio, há relatos da Terapia Comunitária (TC), como espaço que permite enfrentar as angústias e sofrimentos vivenciados na vida acadêmica, por meio do compartilhamento de experiências com outros participantes. A partir da escuta de outras histórias de vidas e formas de lidar com os problemas, os sofrimentos podem ser (re)significados e melhor trabalhados individualmente⁽²⁰⁾.

Experiência recente de universidade, no estado de Minas Gerais, considera ações, em diversas áreas, visando ao apoio estudantil desde cuidados, na recepção dos calouros, serviço de apoio em saúde mental, rodas de conversa, Terapia Comunitária, atividades artísticas e têm melhorado a experiência acadêmica do estudante, visando ao desenvolvimento pessoal além do exercício da profissão⁽²¹⁾.

Entende-se que as instituições de ensino devam reconhecer esse cenário e pensar estratégias de enfrentamento, inclusive, com o fomento a novas pesquisas que tracem melhor os fatores e situações de vulnerabilidade, assim como cuidados com resultados positivos. A saúde mental dos estudantes da área da saúde, em geral, deve ser objeto de trabalho e pesquisa, visando ao impacto direto à essa população e, conseqüentemente, para o sistema de saúde como um todo, à medida que reflete no cuidado prestado e relacionamento com os usuários dos vários serviços⁽¹²⁾.

CONCLUSÃO

A prevalência do Transtorno Mental Comum, encontrada no presente estudo, aproximou-se da literatura atual e mostra um preocupante quadro que impacta na qualidade de vida e de formação de profissionais de saúde, que estarão ligados às práticas de cuidado e ao processo saúde-doença, o que demanda

equilíbrio emocional e bem-estar subjetivo para um adequado desenvolvimento.

Apesar de já estabelecidos alguns fatores associados à ocorrência, em outros estudos da área, são poucos os relatos de experiência de apoio e estratégias de enfrentamento do problema. Percebem-se buscas individuais por ajuda, descontinuadas e, por vezes, tardiamente, o que não evita o aparecimento de prejuízos na vida pessoal e estudantil.

Estratégias ligadas à promoção de hábitos saudáveis de vida, prática de atividade física, qualidade do sono, Terapia Comunitária e relacionadas ao desenvolvimento de outras competências, como artes e atividades sociais, têm demonstrado ser importantes e necessárias ao bom andamento da experiência estudantil. Em vários trabalhos, é frisada a ineficiência de valorização e desenvolvimento somente de competências específicas ligadas à profissão escolhida.

Reconhece-se, ainda, a importância de trabalhos observacionais e longitudinais, ao longo da vida acadêmica, para se explorar melhor o fenômeno e práticas que podem impactá-la positiva e negativamente.

As limitações da presente pesquisa referem-se à não investigação de fatores associados, hábitos de vida e serviços/práticas de ajuda já buscadas pelos acadêmicos participantes. Por se tratar de um recorte transversal, também não foi possível realizar a discussão sobre a evolução dos possíveis quadros de TMC ao longo da experiência acadêmica no ensino superior.

REFERÊNCIAS

- 1 - Neves MCC, Dalgalarondo P. Transtornos mentais auto-referidos em estudantes universitários. *J Bras Psiquiatr.* 2010;56(4): 237-44. DOI: [10.1590/S0047-20852007000400001](https://doi.org/10.1590/S0047-20852007000400001)
- 2 - Fiorotti KP, Rossoni RR, Borges LH, Miranda AE. Transtornos mentais comuns entre os estudantes do curso de medicina: Prevalência e fatores associados. *J Bras Psiquiatr.* 2010;59(1):17-23. DOI: [10.1590/S0047-20852010000100003](https://doi.org/10.1590/S0047-20852010000100003)
- 3 - Santos LS, Ribeiro ÍJS, Boery EN, Boery RNSO. Qualidade de vida e transtornos mentais comuns em estudantes de medicina. *Cogitare Enferm.* 2017;22(4):1-7. DOI: [10.5380/ce.v22i4.52126](https://doi.org/10.5380/ce.v22i4.52126)
- 4 - Carleto CT, Moura RCD, Santos VS, Pedrosa LAK. Adaptação à universidade e transtornos mentais comuns em graduandos de enfermagem.

Rev Eletr Enf 2018;20:1-11. DOI: [10.5216/ree.v20.43888](https://doi.org/10.5216/ree.v20.43888)

5 - Bublitz S, Guido LA, Freitas EO, Lopes LFD. Estresse em estudantes de enfermagem: Uma revisão integrativa. Rev Enferm UFSM 2012;2(3):530-8. DOI: [10.5902/217976923485](https://doi.org/10.5902/217976923485)

6 - Oliveira MF. Metodologia científica: Um manual para a realização de pesquisas em administração. Catalão: Ed. UFG; 2011.

7 - Gil AC. Como elaborar projetos de pesquisa. 4a ed. São Paulo: Atlas; 2002.

8 - Harding TW, Arango MV, Baltazer J, Climent CE, Ibrahim HHA, Ladrido-Inacio L. Mental disorders in primary health care: A study of the frequency and diagnosis in four developing countries. Psychol Med. 1980;10:231-41. DOI: [10.1017/S0033291700043993](https://doi.org/10.1017/S0033291700043993)

9 - Mari JJ, Williams PA. A validity study of a Psychiatric Screening Questionnaire (SRQ 20) in primary care in city of Sao Paulo. J Bras Psiquiatr. 1986;148:23-6. DOI: [10.1192/bjp.148.1.23](https://doi.org/10.1192/bjp.148.1.23)

10 - Fonseca JS, Martins, GA. Curso de estatística. 6a ed. São Paulo: Atlas; 2015.

11 - Santos LS, Ribeiro ÍJS, Boery EN, Boery RNSO. Qualidade de vida e transtornos mentais comuns em estudantes de medicina. Cogitare Enferm. 2017;22(4):1-7. DOI: [10.5380/ce.v22i4.52126](https://doi.org/10.5380/ce.v22i4.52126)

12 - Aragão JCS, Casiraghi B, Mota EM, Abrahão MAB, Almeida TA, Baylão ACP, et al. Saúde mental em estudantes de medicina. Revista de Estudios e Investigación en Psicología y Educación 2017;14:38-41. DOI: [10.17979/reipe.2017.0.14.2267](https://doi.org/10.17979/reipe.2017.0.14.2267)

13 - Omena Silva A, Cavalcante Neto JL. Association between levels of physical activity and common mental disorder in university students. Motricidade 2014;10(1):49-59. DOI: [10.6063/motricidade.2125](https://doi.org/10.6063/motricidade.2125)

14 - Chaves A. Perfil de automedicação entre estudantes de enfermagem. Rev Saúde.Com 2017;13(4):1016-21. DOI [10.22481/rsc.v13i4.523](https://doi.org/10.22481/rsc.v13i4.523)

15 - Silva LAF, Rodrigues AMS. Automedicação entre estudantes de cursos da área de saúde. Rev Bras Farm 2014 [citado em 15 jan 2018]; 95(3):961-75. Available in: <http://www.rbfarma.org.br/files/697--Automedicao-entre-estudantes-de-cursos-da-area--de-saude.pdf>

16 - Nogueira MJ, Sequeira C. A Saúde Mental em estudantes do ensino superior: Relação com gênero, nível socioeconômico e os comportamentos de saúde. Revista Portuguesa de Enfermagem de Saúde Mental 2017;(nesp 5):51-6. DOI: [10.19131/rpesm.0167](https://doi.org/10.19131/rpesm.0167)

17 - Accorsi MP. Atenção psicossocial no ambiente universitário: Um estudo sobre a realidade dos estudantes de graduação da Universidade Federal de Santa Catarina [dissertação]. Florianópolis (SC): Programa de Mestrado Profissional em Saúde Mental e Atenção Psicossocial da Universidade Federal de Santa Catarina, 2015.

18 - Castro VR. Reflexões sobre a saúde mental do estudante universitário: Estudo empírico com estudantes de uma instituição pública de ensino superior. Revista Gestão em Foco 2017 [citado em 20 jan 2018]; 9:380-401. Disponível em: http://unifia.edu.br/revista_eletronica/revistas/gestao_foco/artigos/ano2017/043_saude_mental.pdf

19 - Bardagi M, Hutz CS. Evasão universitária e serviços de apoio ao estudante: Uma breve revisão da literatura brasileira. Psic Rev 2014 [citado em 20 jan 2018]; 14(2):279-301. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/psicorevista/article/view/18107>

20 - Buzeli CP, Costa ALRC, Ribeiro RLR. Promoção da saúde de estudantes universitários: Contribuições da terapia comunitária. Revista Eletrônica Gestão & Saúde 2012 [citado em 20 jan 2018]; 3(1):332-42. Disponível em: <http://periodicos.unb.br/index.php/rgs/article/view/24300>

21 - Araújo CL, Bressam VR. Ações de promoção à saúde, atenção psicossocial e educacional como práticas de integração universitária. In: Anales do 7º Congreso CLABES, 2017; Córdoba. Córdoba: Universidad Nacional de Córdoba; 2017. p. 1-8.

Nota: Este artigo é originário de pesquisa independente, realizado por Docente e alunos do curso de graduação em enfermagem das Faculdades Integradas de Jau/SP. Financiamento próprio.

Recebido em: 03/12/2018

Aprovado em: 19/06/2019

Endereço de correspondência:

Perola LB Cruz e Silva

Rua das Árvores, 750. Condomínio Primavera 2.

CEP: 17206-602 – Jau/SP - Brasil

E- mail: perolacruz@yahoo.com.br